

COMUNICAÇÃO: CASSANDRA RIOS- A TRANSGRESSÃO NA MARGEM

(Maria da Glória de Castro Azevedo -UnB)

Cassandra Rios é uma autora de presença polêmica no cenário literário brasileiro. A começar pelo lugar que ocupa no chamado espaço literário nacional. Uma autora que produziu intensamente, por mais de quatro décadas, livros cuja maioria alcançava várias edições com tiragens próximas aos 300.000 exemplares¹ e que tem seu valor questionado ou renegado pelo sistema literário merece que um olhar mais aprofundado sobre sua produção e o motivo de silenciamento sobre si. O primeiro ponto a se considerar é que Cassandra Rios é uma mulher que “invade” o mercado literário brasileiro escrevendo sobre um tema polêmico e proibido como assunto para mulheres: sexo. Não satisfeita, autora extrapola os limites do tema e trata de sexo, falando claramente sobre o prazer feminino, sobre o tesão, numa sociedade que ainda tratava a sexualidade da mulher apenas feita para gerar filhos, de acordo com os desígnios divinos. Cassandra Rios ousa mais ainda, no cenário brasileiro entre as décadas de 40 a 80 do século XX: trata do prazer feminino entre mulheres, construindo um duplo desvio: o sexo por prazer e o sexo sem fins procriativos.

A autora escreveu sobre temas até então não abordados anteriormente por escritoras brasileiras. Escreveu numa linguagem simples, por vezes naturalista, sem apuro formal e por isso é apontada como baixa literatura ou pornografia. Por alguns, é chamada de homofóbica, porque a maioria de seus romances têm fim trágicos- o que poderia caracterizar a homossexualidade como um fatalismo punitivo; para outros a autora seria a primeira voz da literatura lesbiana brasileira, ao tratar as personagens lesbianas como protagonistas de seus romances e ao discutir os conflitos sociais e culturais impostos a esses sujeitos marginalizados. Segundo Rick Santos² o discurso/texto criado pela escritora para falar o proibido é, além de transgressor e questionador, anti-canônico e de resistência. Percebe-se, nas obras em estudo, que a autora dialoga com conceitos tidos como naturais sobre a identidade sexual, questiona valores estabelecidos e avalia o conflito subjetivo das personagens todas resultantes do processo de exclusão social que se lhes destinam. Conforme Santos(2003)³:

Cassandra conseguiu e atreveu-se a escrever explicitamente, não somente sobre indivíduos isolados, mas sobre comunidades inteiras de transgressores de gênero. Enquanto não restringiu suas escritas a um público específico *gay* e lésbico, Cassandra definitivamente prestou mais atenção a *gays*, prostitutas, travestis e particularmente às lésbicas. Transgressores de gênero ocuparam um papel central e foram feitas considerações especiais em suas escritas. Em seu trabalho, Cassandra deu voz e visibilidade à existência de uma comunidade *underground* de resistência. Escrevendo de uma posição específica, como uma lésbica brasileira que, como seus personagens, tinha de negociar opressão, identidade, classe e sexualidade diariamente.

A narrativa de Cassandra Rios mostra-se contraventora ao apresentar a sexualidade das personagens não como desvio de comportamento ou bestialização do caráter, nem tampouco como sujeitos que não viveram uma vida harmônica , quando na

infância. Cassandra mostra as personagens como sujeitos sexuais, apenas, assim discutindo a representação e a construção do discurso heterossexual sobre os sujeitos homossexuais. Considerando que as teorias sobre a identidade sexual, bem como as manifestações preconceituosas e violentas para com o sujeito homossexual eram aceitas e naturalizadas por uma sociedade, cujos valores religiosos, culturais e políticos consideravam os gays e lésbicas como sujeitos desviados, sem direito ao convívio social e, portanto, passíveis de violência e de desrespeito, Cassandra Rios surge, nesse contexto, como uma voz dissonante ao denunciar, embora de forma camuflada, esse processo de violência e de marginalização. Daí decorre a importância dessa autora para o estudo da literatura homoafetiva brasileira, uma vez que ela percorrerá um caminho solitário nessa temática e sofrerá com a marginalização e silenciamento de sua obra, relegada ao gueto, à margem do discurso literário, assim como suas personagens. De acordo com Foucault (1998)⁴ o discurso da sexualidade perpassa por uma relação de poder e de domesticação do corpo, através do controle do corpo e da sexualidade, estabelece-se a relação de poder político e de classe. Dessa forma, a segregação das personagens e de Cassandra Rios e seus destinos representam o controle agressivo do padrão estabelecido como identidade sobre o diferente, aquele que infringe as normas preestabelecidas.

Na tradição literária brasileira, não há ainda um reconhecimento, feito pela crítica, da existência de uma literatura de tradição lesbiana escrita por mulheres. Se há uma ausência de uma crítica literária sobre essa produção, podemos dizer que ela é conseqüente do tabu que cercas as relações homossexuais e da censura que coíbem as manifestações lesbianas na literatura brasileira. Escrever sobre literatura lesbiana, ainda está associado, no Brasil, à qualificação do texto como subliteratura. De acordo com Pinto-Bailey⁵, no Brasil e na América latina, a causa para a ausência e uma tradição crítica sobre essa produção:

Jaz na mesma atitude ideológica que faz com que a mulher lésbica tome-se invisível aos olhos da sociedade. O sujeito lesbiano foge à definição aceita de "feminino", rompe radicalmente com os padrões de gênero estabelecidos, ao não se definir em função do desejo masculino e do sistema de reprodução biológica e de transmissão de valores econômicos e ideológicos. Por não ser possível categorizá-la dentro desses padrões, a lésbica termina reduzida ao "não-ser", ao que não se nomeia (e o que não se nomeia não existe).

A narrativa brasileira caracteriza-se como predominantemente falocêntrica, não fugindo as escritoras também dessa tradição, a criação de um discurso erótico representa um novo espaço de discussão literária em que a mulher deixa de ser voz representativa do discurso masculino e passa a ser sujeito agente e enunciador de sua própria fala. A literatura de escritura feminina dá voz e agência a afirmação de uma identidade feminina e se consideramos o controle social sobre o corpo feminino, é através do discurso literário que a mulher encontra meios de dizer sobre a sexualidade e sobre desejo feminino como afirmação de sua identidade. Se a experiência erótica feminina, na literatura, é problemática porque invade um espaço falocêntrico, a representação da sexualidade lesbiana é ainda mais problemática, pois rompe com as relações dominantes

de gênero, ao excluir a figura do homem e colocar a mulher em uma posição de sujeito atuante, em vez do papel tradicional de objeto do desejo masculino.

Simone de Beauvoir, afirma, polemicamente, em *O segundo Sexo* (1948)⁶ que “toda a história das mulheres foi feita pelos homens” (p.167) o que leva a concluir que a emancipação feminina não é mérito das mulheres, é, na verdade, concessão, permissão masculina; as lutas femininas aconteceram dentro da perspectiva masculina e não representam, enquanto gênero, um papel histórico. Ainda, segundo autora, a mulher ao aceitar o lugar cômodo e prestigiante do ócio que o homem lhe oferece, faz com que um dos elementos essenciais da sua condição concreta seja “ser-para-os-homens”, ou seja, não existe para si e sim como o homem a define, o que a coloca numa situação de “vassala” (p.177). A autora leva-nos a refletir sobre o papel de sujeito agente feminino e sua ação numa sociedade construída dentro de valores masculinos, sendo papel da mulher criar um outro espaço de lutas, de visibilidade e de concepção de si, como um sujeito humano diverso do masculino, um outro não inferiorizado, mas com peculiaridades diversas do masculino. Na literatura, a mulher precisa ser ator no espaço social e não apenas ocupar os espaços concedidos, dentro da ótica permissiva masculina.

A Literatura que foge da temática permitida pela tradição patriarcal é punida com o desprestígio e silenciamento por tratar de um tema que não é considerado “universal”, ou seja, normal e identitário da sexualidade de homens e mulheres, lembro aqui de Butler que questiona as verdades universais e aponta o universalismo como um lugar de poder e de dominação. Todo universalismo acaba por ser sexista porque impõe um lugar de valor que nem sempre representa uma totalidade (mas toda totalidade é excludente e o particular acaba por ser local), sendo assim, o universal deve ser resignificado como “uma noção culturalmente hegemônica sobre o campo social”. A questão do sujeito deve ser repensada como instituição masculinizada, para que passe a interrogar sua premissa fundamentalista ou dada de antemão. Butler afirma que se o sujeito é constituído, ele não é, no entanto, determinado, por ser constituído é que ele pode agir, ser transformador e produzir discursos desestabilizadores de legados anteriores, digamos que esse sujeito é puro devir e como tal, é capaz de políticas contra exclusão.

O sujeito feminista pode desconstruir a noção estabelecida de sujeito e instituir um lugar de reutilização e redistribuição de falas anteriormente negadas pelo sujeito masculino. É através do discurso de gênero, do corpo essencializado e como pertencimento masculino que o feminismo contemporâneo questiona a resignificação do corpo propõe a libertação da “moeda epistemológica da matéria” (quando os corpos se tornam matéria), essa perda, não significa nihilismo, ao contrário, “proporciona as condições para mobilizar o significante a serviço de uma produção alternativa”. Sendo assim, os estudo de gênero, ao invés de demarcarem o fim do sujeito ou de compartimentar o feminismo ou talvez acabar com o feminismo crítico, mostra-se como mecanismo de análise e compreensão de um novo sujeito no debate político. Portanto, as escritoras brasileiras ao visibilizarem a existência de sujeitos lesbianos, acabam por “instituir um lugar de reutilização e redistribuição de falas anteriormente negadas pelo

sujeito masculino” através da construção de outros sujeitos, outras falas e outra possibilidade de sexualidade que não a instituída pelo poder patriarcal.

Estando a literatura lesbiana desprestigiada politicamente, caberá à Crítica Feminista trazer essa produção para os espaços acadêmicos e políticos, quebrando a hegemonia do domínio masculino estabelecido sobre o que tem qualidade e valor literário. Cabe, aqui, lembrar o que diz Showalter(1994)⁷ sobre a Crítica Feminista vagar num território de domínio masculino e que para firma-se não deve ter como parâmetro a crítica androcêntrica nem deve aceitar que seus modelos sejam previamente estabelecidos. A crítica feminista deve separar e desfazer a associação da textualidade com a sexualidade e deve partir dos estudos da mulher, encontrando seu próprio tema, discurso, voz. Ao tratar da escrita da mulher e da cultura da mulher, Showalter considera que uma teoria baseada num modelo de cultura da mulher seria a mais apropriada, dentre todas as teorias, para falar sobre a especificidade e diferença da escritura feminina, visto que ao incorporar idéias sobre o corpo, a linguagem e a psique da mulher interpreta essas idéias com relação aos contextos sociais. A crítica Cultural feminina não procura acomodar-se aos modelos androcêntricos, apropria-se dos espaços de silêncio, tornando visível o invisível, fazendo “o silêncio falar”. A zona selvagem da crítica feminina seria o lugar da linguagem revolucionária das mulheres, a linguagem de tudo o que é reprimido, um “discurso de duas vozes” que personifique as heranças social, cultural e literária do silenciado e do dominante.

Ao voltarmos nosso olhar para o século XX, podemos afirmar que o movimento feminista foi um dos principais movimentos políticos-culturais para a transformação dos valores e incorporação de outros que mudariam as estruturas sociais e suas relações. Foi através do movimento feminista que demais grupos minoritários encontraram espaço para reivindicações, visibilidade e afirmação de suas identidades. Junto com o movimento feminista, vieram os grupos da margem como os negros, os gays e lésbicas, o sujeito da diáspora, entre tantos.

De acordo com Derrida (2002)⁸, hoje, na pós –modernidade, vivemos numa sociedade fragmentada, situada no ex-cêntrico, pondo sob rasura todos os conceitos e valores de uma sociedade essencializada como hetero-branca-masculina. Uma sociedade que estabelece o binômio da identidade e da diferença, naturalizando a identidade e marginalizando o sujeito da diferença. Universalizamos a produção de conceitos como leis gerais aplicáveis a todas as sociedades de todos os tempos e passamos a compreender o mundo de forma binária, totalizante e heterossexual. O Desejo, a cultura, a história, a sexualidade, a literatura serão vistos como um dogma da heterossexualidade, transformados em filosofia, política e religião.

Se a sociedade ainda usa critérios biológicos para hierarquizar homens em detrimento das mulheres tanto no campo político, cultural e sexual, estabelecendo uma sociedade heteropatriarcal como norma, que discurso é destinado à literatura lésbica na tradição literária brasileira? Há lugar para ela, há visibilidade, há espaço para circulação ou essa literatura permanece à margem e no silêncio da invisibilidade? Qual a representação social dessa literatura? De acordo com Judith Butler, os discursos habitam os corpos e a literatura que tem por tema o envolvimento amoroso entre

pessoas do mesmo sexo traz, no seu discurso, a marca da sexualidade e, texto e autor/ a passam a ser essencializados, corporificados na instância da sexualidade, o inverso do discurso literário hetero, que se estende como natural.

Ainda, segundo Butler⁹, é o meio discursivo/ cultural mediante o qual um “sexo natural” é estabelecido como pré-discursivo. Sendo assim, a literatura hetero é também uma postulação, um *constructo* que se faz no interior da linguagem e da cultura. Na literatura canonizada, não há lugar para a idéia da multiplicidade (da sexualidade ou do gênero)-essa é uma idéia constrangedora porque aquele/ aquela que a permite pode ser tomado como particularmente implicado na multiplicidade gendérica. Assim, quando admitimos, com certo orgulho, ignorar formas não-canônicas e não hegemônicas do discurso literário, estamos afirmando que não temos “nada a ver com isso”, ou seja, que não nos reconhecemos envolvidos/ envolvidas no olhar gendrado, ou seja, não admitimos outra forma de discurso que não o culturalmente construído.

Ao pretermirmos a homotextualidade, não podemos dizer que há uma falha ou falta de conhecimento. Para Louro (2004)¹⁰ o que existe é um resíduo de conhecimento, o efeito de um jeito de conhecer, ou seja, uma forma de conhecimento de um discurso que se pretende marginalizado, segregado da esfera pública. O espaço conferido à literatura homoafetiva deve ser, para a sociedade essencializada como heterossexual, o espaço privado e as margens, isso ocorre porque o discurso literário é androcêntrico, legitimado pela também androcêntrica sociedade, é canônico e como tal, é um produto social comum aos valores construídos e incorporados como naturais ao homem e à mulher. Seu capital simbólico se faz através do *constructo* masculino heterossexual, por isso, a literatura lésbica, ainda está limitada a poucos espaços de circulação e valorização literária.

Notas

¹ PIOZEVAN, Adriana.(2005)

² SANTOS, Rick. (2003)

³ *Idem.*

⁴ FOUCAULT, Michel.(1997)

⁵ PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira.(1999)

⁶ BEAUVOIR, Simone de. (1980)

⁷ SHOWALTER, Elaine. (1994)

⁸ DERRIDA, Jacques. A escritura e a diferença. São Paulo: Perspectiva, 2002.

⁹ BUTLER, Judith. (2003)

¹⁰ LOURO, Guacira Lopes. (2004).

Referências bibliográficas

-
- ARÁN, Márcia. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. **Revista Estudos Feministas**. V. 11, no.2, julho-dezembro 2003, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, p. 399-422.
- ARRIOLA, Elvia R. A desigualdade com base no gênero: lésbicas, gays e teoria legal feminista. **Revista Estudos Feministas**. V.2, no.2, 2º. semestre 1994, Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, p. 388-427.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980
- BESSA, Karla Adriana M. **Posições de sujeito, atuações de gênero**. Revista **Estudos Feministas**. V.6, no.1, 1º. semestre 1998, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, p. 34-45.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FACCO, Lúcia. **As heroínas saem do armário: literatura lésbica contemporânea**. São Paulo: GLS, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- _____. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ, 1997
- _____. **Um diálogo sobre os prazeres do sexo. Nietzsche, Freud e Marx**. São Paulo, Landy, 2000
- FRANCO, Jean. **Marcar diferenças, cruzar fronteiras**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.
- HARAWAY, Donna. O humano numa paisagem pós-humanista. **Revista Estudos Feministas**. V.1, no.2, 2º.semestre 1993, Rio de Janeiro: CIEC/UFRJ, p.277-292.
- PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. **Revista Iberoamericana**, v. LXV, n. 187, abril-junho 1999: p. 405-421.
- PIOZEVAN, Adriana. **Amor romântico x deleite dos sentidos: Cassandra Rios e a identidade homoerótica feminina na literatura (1948-1972)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2005
- PRINS, Baukje e MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**. V.10, no.1, 1º.semestre 2002, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, p. 155-167.
- SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. *In: Tendências e impasses - O feminismo como crítica da cultura/* organização de Cristina Buarque de Hollanda. - Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SANTOS, Rick. "Cassandra Rios e a literatura gay e lésbica surgida no Brasil". *In: Niterói*, v. 4, n. 1, p. 17-31, 2. sem. 2003 17.
- MACHADO, Paula Sandrine. O sexo dos anjos : um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. **Cadernos Pagu**, Campinas, Unicamp, (24) janeiro-junho de 2005, p. 249-281.
- WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

